

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

O DISCURSO INTOLERANTE E PRECONCEITUOSO DA EXTREMA-DIREITA NA FRANÇA: PRIMEIRAS REFLEXÕES

PREMIÈRES IMPRESSIONS DES DISCOURS DE L'EXTRÊME-DROITE SUR L'INTOLÉRANCE ET LE PRÉJUGÉ EN FRANCE

Luciano Magnoni Tocaia¹

Resumo: Este artigo tem por objetivo apresentar as primeiras reflexões desenvolvidas em um projeto de pesquisa que visa a analisar a disseminação de discursos preconceituosos e intolerantes publicados na França na atualidade. Dessa forma, examina-se, na perspectiva da Semiótica discursiva francesa, excertos de cunho preconceituoso e/ou racista, extraídos de um discurso presidencial proferido pela candidata do partido de extrema-direita Frente Nacional (FN), Marine Le Pen, durante a campanha para as eleições presidenciais de 2017. Nesse quadro, busca-se analisar os procedimentos de tematização e figurativização utilizados como estratégias persuasivas na construção desse discurso e o quadro de valores em que esse discurso se insere.

Palavras-chave: Discurso intolerante e preconceituoso; extrema-direita francesa; semiótica discursiva francesa;

Résumé : Cet article a pour but de présenter les réflexions initiées par un projet de recherche qui vise à discuter de la dissémination des discours sur l'intolérance et la discrimination raciale publiés en France actuellement. Selon le cadre théorique-méthodologique de la sémiotique discursive française, on se penchera sur des extraits racistes et/ou intolérants tirés d'un discours présidentiel prononcé par la candidate du parti d'extrême droite Front National (FN), Marine Le Pen, lors de sa campagne présidentielle en 2017. Seront ainsi analysées les notions de thématisation et de figurativité utilisées comme stratégies persuasives dans le discours et le cadre de valeurs sur lequel se fonde ce discours.

Mots-clés : Discours intolérant ; extrême droite française ; sémiotique discursive française ;

Introdução

Recentemente, diversos países europeus viram (re)nascem em seus quadros sociais, políticos e eleitorais discursos radicais, racistas, xenófobos, homofóbicos e conservadores elaborados por movimentos populistas de extrema-direita. Esses discursos, normalmente, militam pelo fechamento das fronteiras, o retorno às identidades nacionais e, por vezes, regionais, e rejeitam tanto a globalização instituída pelas elites quanto a imigração e as expressões públicas do islã, vistas como sinal de invasão cultural estrangeira. Na França, a igualdade de direitos concedida aos homossexuais pela instituição do casamento civil gerou uma enorme onda de protestos nos meios mais conservadores, alimentando discursos invariavelmente discriminatórios de natureza homofóbica.

¹ Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Programa de Mestrado Profissional em Letras (Profletras). E-mail: lucianotocaia@uol.com.br

Instaurada a crise dos refugiados da Síria e do Iraque em 2015, movimento de considerável amplitude no território europeu, países como França, Alemanha e Turquia implementaram políticas de acolhida e de recepção de estrangeiros que, na verdade, alimentaram discursos xenófobos, em particular na França. Os atentados cometidos no país sob a égide do Estado Islâmico em janeiro e em novembro de 2015 trouxeram à sociedade francesa um certo grau de inquietude, e aumentaram ainda mais o grau de hostilidade da população face aos muçulmanos, como podem testemunhar pesquisas que demonstram o aumento de agressões a esse respeito².

Assim como no Brasil, uma das discussões mais presentes na mídia francesa diz respeito ao tema do preconceito e da intolerância em relação ao “diferente”, ao “outro”. Dado o recente crescimento da mobilidade geográfica de imigrantes em países europeus e também a restrição cada vez maior deste espaço de mobilidade aos que na França queiram estabelecer suas raízes, verifica-se a complexidade da composição desses grupos e a sua dificuldade de inserção no seio da sociedade francesa, fatores que engendram o aparecimento ou a cristalização de preconceitos e intolerâncias, bem como o surgimento de novas formas de identidade e de alteridade.

É nesse quadro discursivo complexo, que constata o aumento dos discursos populistas, xenófobos, homofóbicos, sexistas, bem como a prática de um terrorismo que alimenta as paixões semióticas ditas malevolentes (antipatia, ódio, raiva, etc.), que o presente artigo tem por objetivo analisar, na perspectiva da Semiótica Discursiva francesa (Greimas, 1973, 1994; Barros, 2002, 2008a; Fiorin, 2008, 2009), os procedimentos discursivos de tematização e figurativização utilizados na construção de um discurso presidencial proferido pela candidata do partido de extrema-direita Marine Le Pen durante a campanha para as eleições presidenciais de 2017, e o quadro de valores em que esses discursos se inserem.

Dos conceitos de preconceito e (in)tolerância

² De 07 a 20 de janeiro de 2015, os serviços de polícia franceses registraram 128 atos antimuçulmanos, segundo o Conselho francês do culto muçulmano.

Neste item, apresentaremos uma breve definição do que entendemos nesta pesquisa pelos conceitos de preconceito, tolerância e intolerância. Todas as três noções estão ancoradas nos estudos e reflexões elaborados por Bobbio (2003, 2011).

Entende-se por preconceito uma opinião ou um conjunto de opiniões que são acolhidos acriticamente e passivamente, seja pela tradição, seja por um costume de determinada cultura ou até mesmo por uma autoridade que não podemos contestar. Tais opiniões, que não costumam ser verificadas e são, normalmente, aceitas por temor, por inércia ou até mesmo por respeito, resistem a qualquer refutação feita com base em argumentos racionais, tamanha a força de adesão: “por isso que se diz corretamente que o preconceito pertence à esfera do não racional, ao conjunto de crenças que não nascem do raciocínio e escapam de qualquer refutação fundada num raciocínio”. (Bobbio, 2011, p. 103). Assim, o preconceito, segundo o filósofo político italiano, é uma opinião errônea tomada fortemente como verdadeira, isto é, um erro tenaz e socialmente perigoso. É uma “opinião sem julgamento”, tomando para nós as palavras de Voltaire (1994, p. 428).

Segundo Bobbio (2011), há diversas formas de preconceitos, porém o que mais se revela profícuo para este estudo é a distinção entre preconceitos individuais e preconceitos coletivos. Neste trabalho, concentrar-nos-emos nos preconceitos coletivos, pois interessa-nos compreender em que medida tais ideias são veiculadas por grupos sociais inteiros, no caso, a extrema-direita francesa.

Para a compreensão desse conceito, partimos do princípio de que as sociedades estão organizadas em múltiplos grupos sociais, com suas características peculiares, suas crenças, suas paixões, suas opiniões, seu modo particular de ver e recortar o mundo. Esses grupos, não raramente, emitem julgamentos sobre outros grupos, a maioria de maneira distorcida, fato que gera a incompreensão, a rivalidade, a inimizade, o desprezo e o escárnio. Comumente recíproco, esse juízo distorcido colabora para que um grupo social perceba o outro como diferente, ou, por vezes, como perigoso e hostil. É nesse quadro que se instaura o preconceito, isto é, o juízo negativo que os membros de um grupo fazem das características de um grupo com o qual rivaliza.

Para Bobbio (2011), os preconceitos de grupo são inumeráveis, porém existem dois que podem ser considerados historicamente mais relevantes e influentes: o preconceito nacional e o preconceito de classes. Para este estudo, interessa-nos

prioritariamente o primeiro, uma vez que se trata de um tema abertamente trazido à discussão pela extrema-direita nacionalista francesa. Embora os povos tenham uma ideia de si que não corresponde exatamente àquela que outros povos possuam, é lícito afirmar que ambos os modos são constituídos por discursos que tematizam opiniões cristalizadas e generalizações superficiais (todos os homossexuais são promíscuos, todos os árabes são fanáticos religiosos, etc.), que são conhecidas como estereótipos, ideias que estão em nossa cabeça e que se apoiam em categorias descritivas bastante simplificadas, dentro das quais se tem por objetivo inserir o outro ou um grupo de indivíduos.

Tratado o conceito de preconceito, passemos ao conceito de intolerância. À primeira vista, as duas questões podem parecer sinônimas, porém, a partir de um exame mais minucioso, estabelecem-se marcantes diferenças. Para discutir o conceito de intolerância, verificaremos, primeiramente, o conceito de tolerância, definida como o “apanágio da humanidade” por Voltaire (1994, p. 475).

A tolerância é uma palavra que, segundo o dicionário Aurélio, em sua etimologia latina, remete ao fato de “sofrer em silêncio”, “constância em sofrer”, “suportar”, “tolerar”. Assim como o conceito de preconceito, são vários os tipos de tolerância encontrados nos mais variados contextos, porém, o que interessa ao estudo em questão, ainda que seja o tipo historicamente predominante, é o problema da convivência de crenças que ultrapassa o domínio religioso e político, atingindo as minorias étnicas, linguísticas, raciais, que são, normalmente, definidas como os “diferentes”. (Bobbio, 2004, p. 186). Para o filósofo italiano:

Uma coisa é o problema da tolerância de crenças e opiniões diversas, que implica um discurso sobre a verdade e a compatibilidade teórica ou prática de verdades até mesmo contrapostas; outra é o problema da tolerância em face de quem é diverso por motivos físicos ou sociais, um problema que põe em primeiro plano o tema do preconceito e da conseqüente discriminação. (Bobbio, 2004, p. 186).

Tolerar, nesse sentido, não implica em renunciar às próprias convicções, mas em aceitar e/ou suportar a diferença do alheio, um princípio moral absoluto. Interpretada por esse ponto de vista, a tolerância não é desejada porque é socialmente útil ou politicamente eficaz, mas, sobretudo, por uma questão ética.

Se partirmos do princípio de que a verdade não é una e que pode ser definida e entendida de ângulos distintos, “vivemos não em um universo, mas num multiverso” (Bobbio, 2004, p. 192), em que a tolerância não se define apenas por um método de convivência e dever moral, mas uma necessidade inerente à própria natureza da verdade.

Ao tratar das “razões da tolerância”, Bobbio (2004) explica que o termo pode ter dois significados: um positivo e outro negativo, que, por sua vez, levam à definição do termo oposto, a intolerância, também positiva ou negativa. Para o autor, a tolerância positiva se opõe à intolerância negativa; já a tolerância negativa se opõe à intolerância positiva. O quadrado semiótico ajuda a melhor compreender a articulação sintático-semântica dessas categorias:

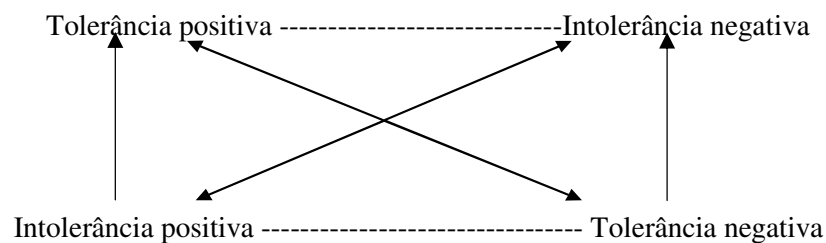


Figura 1: Articulação sintático-semântica dos termos tolerância e intolerância.
Fonte: Bobbio (2004)

Ao se interpretar a articulação proposta entre os termos, verifica-se que no percurso da *tolerância positiva* para a *intolerância negativa*, situa-se a *tolerância negativa*. No sentido inverso, no percurso da *intolerância negativa* para a *tolerância positiva*, teríamos a *intolerância positiva*. Para Bobbio (2004), cada um desses termos possui conotações distintas, que apresentaremos, sucinta e didaticamente a seguir.

A *tolerância positiva* é exatamente o contrário do que conhecemos por intolerância religiosa, política, racial, de gênero, etc. Para Bobbio (2004), trata-se de um tipo de tolerância que tem por objetivo eliminar as formas tradicionais de repressão, ainda que, segundo o autor, as sociedades despóticas de todos os tempos, inclusive do presente, careçam de uma falta de tolerância no sentido positivo. “A tolerância (positiva) é um método que implica o uso da persuasão perante aqueles que pensam diferentemente de nós, e não o método da imposição”. (Bobbio, 2004, p. 155). É, portanto, o princípio básico das democracias, a nosso ver.

A *tolerância negativa* é interpretada por Bobbio (2004) como o excesso de tolerância. É sinônimo de indulgência excessiva, de anuência em relação àquilo ou àquele que seja mau e ao erro, ao equívoco. O indivíduo, neste caso, é tolerante porque prefere a tranquilidade, a indiferença, a falta de princípios e até mesmo a permissividade no mais alto grau. A tolerância no sentido negativo “acaba por desacreditar a própria ideia de tolerância”, tomando para nós as palavras de Bobbio (2004, p.229).

Por *intolerância negativa*, entende-se a exclusão injusta de quem seja ou aja de forma diferente dos contratos sociais pré-estabelecidos, tais como: o branqueamento da sociedade, a heterossexualidade, a pureza linguística, o cristianismo, entre outros. (BARROS, 2011). Neste caso, há uma espécie de diminuição ou estreitamento das consciências em termos práticos, aliados a uma afirmação dogmática de uma verdade que seja absoluta e que não admite objeções. Esta forma de intolerância parece não permitir a existência democrática e livre do diferente em sociedade.

Por fim, a *intolerância positiva* remete a atributos que são considerados virtuosos, como a severidade, firmeza de postura e decisões, rigor, ambos amparados por critérios de justiça e de verdade. Se o diferente age com vistas a prejudicar a sociedade ou um indivíduo, autoriza-se sua exclusão, entendida como justa e lícita.

É lícito considerar, ainda, uma última questão sobre a distinção entre as categorias descritas. Merece destaque o fato de que temos tendência a julgar a tolerância como uma virtude, o que nem sempre é verdadeiro. Não é certo que a tolerância seja ou deva ser ilimitada, “não se pode nem se deve tolerar tudo”, “para tudo há limites”, como enunciam as expressões populares. Para Bobbio (2004), nenhuma forma de tolerância é ampla o suficiente para incluir todas as ideias possíveis: “as razões a favor da tolerância não devem nos levar a esquecer que também a intolerância pode ter suas razões. (Bobbio, 2004, p. 226). Assim, ser tolerante em todos os casos significa admitir uma ideia ou crença, excluindo-se alguma outra.

Isso posto, vejamos a seguir como a semiótica discursiva de linha francesa pode contribuir para os estudos sobre discursos sociais que se mostram intolerantes e preconceituosos.

A semiótica discursiva francesa e os estudos sobre intolerância

A semiótica discursiva de linha francesa tem se mostrado um quadro teórico proveitoso para o exame dos discursos intolerantes dos mais variados tipos: racista, fascista, separatista, homofóbico, sexista, entre outros. Destaca-se, nesses estudos, a proposta teórico-metodológica estabelecida por Barros (2008a, 2008b,), que parte tanto de algumas hipóteses sobre os discursos intolerantes, as quais discutiremos no decorrer deste texto, quanto de alguns procedimentos de construção dos discursos intolerantes, dos quais também falaremos adiante.

É preciso dizer, de antemão, que o discurso de cunho preconceituoso e intolerante não está intrinsecamente ligado a um gênero discursivo/textual em específico, nem a apenas uma esfera de ação social (familiar, política, midiática, religiosa, escolar, etc.), uma vez que para a definição de um gênero é necessário a estabilidade de composição, de temática e de estilo, fato não comprovado na análise desses discursos. Os discursos intolerantes estão presentes praticamente em todas as esferas de ação social e, dada a grande variedade de composição e de estilo, podemos classificá-los apenas tematicamente, isto é, pela organização do plano do conteúdo. (BARROS, 2011). Dessa forma, há discursos intolerantes no âmbito da política, da religião, da família, etc. materializados em gêneros diversos, como por exemplo: notícias, sermões, discursos de campanhas políticas, bate-papo, comentários de leitores em jornais e sítios eletrônicos, entre outros.

A hipótese de partida de construção discursiva dos estudos sobre a intolerância, que no momento se apresenta sob o viés epistemológico proposto pela semiótica discursiva de linha francesa, é a de que esse discurso é, sobretudo, um discurso de sanção a sujeitos que se denominam maus cumpridores de contratos sociais pré-estabelecidos, já apresentados anteriormente. (BARROS, 2011).

Esses sujeitos denominados “diferentes” são reconhecidos como maus cidadãos, maus atores sociais que devem, portanto, ser punidos com perdas de direitos, de emprego, podendo ocorrer até mesmo a morte. Segundo Barros (2011), advém daí as expressões que estão cristalizadas na língua e que são transmitidas de geração em geração, sem que haja um posicionamento crítico-ativo da parte de quem os produz, tais como: os judeus são ricos e perigosos, os índios são bárbaros, os homossexuais são pervertidos e pederastas, os negros (pretos) são preguiçosos e ignorantes, os árabes são religiosos fanáticos, habitantes de determinadas regiões são maus usuários da língua, os

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

nordestinos vieram a São Paulo “roubar” empregos dos paulistas, os ciganos são ladrões, etc.

Uma segunda hipótese, também formulada por Barros (2011), é a de que os discursos intolerantes desenvolvem predominantemente dois tipos de paixões: as paixões ditas malevolentes (antipatia, raiva ódio, xenofobia), que se contrapõem às paixões ditas benevolentes, como o amor (aos iguais, aos de sua religião e cor); e as paixões do medo do “diferente” e dos danos que ele pode causar.

Definido no nível narrativo o discurso intolerante e preconceituoso como um discurso de sanção e estabelecidas algumas hipóteses de como se constrói discursivamente a intolerância, passemos, a seguir, aos procedimentos e estratégias utilizados nesses discursos no nível discursivo e em qual quadro de valores eles se inserem.

Características discursivas do discurso preconceituoso e intolerante da extrema-direita francesa: procedimentos de tematização e de figurativização

No quadro epistemológico proposto pela teoria semiótica de linha francesa (Greimas, 1973, 1994; Barros, 2002, 2008a; Fiorin, 2008, 2009), o sentido de um discurso é estabelecido por um percurso gerativo a ser apreendido a partir das recorrências e reiteraões observadas no *corpus* em questão. Composto esse percurso gerativo de três níveis, fundamental, narrativo e discursivo, cada qual com uma sintaxe e uma semântica que lhes são próprias, ocupar-se-á, neste texto, do nível semântico dos discursos, ou seja, dos temas e figuras presentes no texto.

Temas e figuras são conteúdos semânticos do nível discursivo. Aqueles são os conteúdos semânticos de um texto tratados de forma abstrata, estas correspondem ao investimento semântico-sensorial dos temas. A disseminação de temas e figuras é tarefa do sujeito da enunciação, e pode ser vista como estratégia de persuasão no discurso.

Além de manifestarem os valores caros à enunciação, temas e figuras assinalam também determinações sócio-históricas e ideológicas, visto que trazem ao discurso o modo de ver e pensar o mundo de classes, grupos e camadas sociais. (FIORIN,1988, p. 1-19).

De acordo com Barros (2011), nos discursos preconceituosos e intolerantes, os temas e figuras estão relacionados, em seu nível fundamental, à oposição semântica

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

entre igualdade-diferença e identidade-alteridade. Para tratar das diferenças, o discurso preconceituoso e intolerante desenvolve, conforme as diferenças de posição político-partidária, religião, gênero, etnia, etc, alguns percursos temáticos e figurativos.

Dessa forma, examinaremos excertos de cunho preconceituoso e/ou racista, extraídos de um discurso presidencial proferido pela candidata do partido de extrema-direita, Marine Le Pen, durante as eleições presidenciais de 2017, buscando-se identificar alguns percursos temático-figurativos desenvolvidos pela representante da extrema-direita francesa. Os excertos analisados foram extraídos do discurso proferido por Le Pen no lançamento de sua campanha à presidência, na cidade de Fréjus, sul da França, no dia 17 de setembro de 2016³.

No discurso de Le Pen, o primeiro tema que merece destaque é o reforço da identidade, no caso, francesa. Le Pen evoca a criação de uma espécie de nação “orgânica”, figurativização de uma França cujos cidadãos formam um todo homogêneo e imanente, unidos por valores comuns como a língua e a cultura.

C'est en candidate du peuple que je me présente devant vous (...) Le peuple français, c'est vous et c'est nous. Ce sont des millions d'hommes et de femmes fondamentalement unis par des liens invisibles mais irréductibles, unis par l'amour d'un pays, par l'attachement à une langue et une culture, un peuple c'est un seul cœur qui bat dans des millions de poitrines, c'est un même souffle, une même espérance. (LE PEN, 2016).

Dois fatores merecem destaque. O primeiro diz respeito ao discurso de identidade proposto pela deputada europeia, a maioria das vezes preconceituosos e intolerantes, cujos temas principais são a busca ou a reconquista da identidade perdida e que se acredita ameaçada. Segundo Landowski (2012), esses discursos articulam as relações entre “nós” e “o outro” e apontam para um tipo de relação de exclusão, ou seja, é necessário preservar o “nós”, garantir a unidade e excluir “o outro”, que existe como uma ameaça aos nossos valores, ao nosso modo de ver, escutar e recortar o mundo. Como explicado, a relação de exclusão pode ser considerada como estrutura de base para a construção dos discursos preconceituosos e intolerantes. (BARROS, 2011).

Mais adiante, lê-se no discurso de Le Pen:

³³ Discurso proferido em 17 de setembro de 2016 em Fréjus, França. Disponível em: <http://www.frontnational.com/videos/discours-de-marine-le-pen-aux-estivales-de-frejus/>. Acesso em 01 jul 2017.

Ce moment appelle la France, il ouvre toutes les chances à une France libre, à une France lucide, à une France qui dise la vérité d'un monde qui ne survivra que par la diversité humaine, culturelle, la biodiversité, d'un monde qui périra s'il ne comprend pas qu'il n'y a pas de civilisation s'il n'y a pas des civilisations – que la diversité des sociétés humaines est la condition de se survie. (LE PEN, 2016).

Aqui, o discurso da presidente do partido Frente Nacional (doravante FN) prega a ideia de que o mundo só sobreviverá se respeitada a diversidade humana, cultural e a biodiversidade, isto é, deve-se proteger a existência das civilizações – no plural – preservando-as umas das outras. Não há nenhuma nação que não traga em suas costas uma ideia persistente e dificilmente modificável da própria identidade, que se apoia, na verdade, em sua pretensa e presumida diversidade em relação a todas as outras nações.

O discurso de Le Pen parece emprestar dos nacionalistas-revolucionários, corrente da extrema-direita radical que mistura o culto da diferença e o discurso socializante, a ideia de que é preciso a recriação de unidades orgânicas diante do sistema que mata os povos e da mestiçagem cultural.

O segundo fator que Le Pen apresenta no lançamento da campanha presidencial de 2017 é a redescoberta do amor francês pela sua língua e a sua cultura. Segundo a candidata, os franceses deveriam redescobrir um tempo:

où toutes les élites parlaient français, non pas parce qu'on les contraignait à parler français, mais parce que le français provoquait l'admiration. Parce que le français était la langue de la raison. [...] Quand les Français, à qui on répète à longueur de journée qu'ils sont dépassés, qu'ils sont mesquins, qu'ils sont de rebus de l'histoire, quand les Français oublient leur propre valeur, il faut voir avec quelle ardeur nos cousins québécois, sénégalais, ivoiriens, belges, et bien d'autres défendent une culture et une langue que nous laissons à l'abandon [...] Les Québécois nous ont précédés avec leur loi 101, qui est bien plus rigoureuse dans la protection et la promotion de la langue officielle. (LE PEN, 2016).

A busca por uma língua única, nacional, que provoca admiração, figurativizada como a língua da razão, associada intrinsecamente ao conceito de cultura, remete ao que Barros (2008a, 2008b) discute em seus estudos sobre conceitos e imagens da norma nas gramáticas do português, ou seja, uma imagem de língua figurativizada como natural, homogênea e sem variação, a “língua oficial”, como coloca Le Pen. Estabelece-se, assim, relações entre a construção da identidade francesa associada à construção de uma língua nacional, argumento típico dos discursos nacionalistas e imperialistas, assim

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

como de discursos da norma linguística, que se fundamentam no princípio da exclusão. Em outras palavras, há o apagamento ou a exclusão de determinadas variações – e com elas, determinadas identidades -, em favor de uma delas: a francesa.

Um segundo tema identificado no discurso da candidata francesa à presidência é a questão da imigração, que, por sua vez, está diretamente associada à iminência do caos. É neste tema que se percebe o ápice preconceituoso do discurso lepenista, segundo o qual não sobram opções ao país: ou se aceita a política proposta pelo FN, ou a França saltará no abismo. A figurativização por parte Le Pen revela uma dramatização da situação e a promessa de dias futuros que farão seus concidadãos perder a esperança, retórica amplamente difundida pelo partido da candidata:

Cette élection de 2017 va décider si la France conserve sa souveraineté, son identité, ses valeurs ou si elle devient un pays que nous ne reconnâitrons plus, qui nous sera devenu étranger. Avec nous avant qu'il ne soit trop tard. (LE PEN, 2016).

A ameaça da imigração e seu caráter supostamente irreversível despertam no eleitor as paixões intolerantes do medo e do ódio que, embora sejam moralizadas negativamente na sociedade, são utilizadas pela candidata como estratégia de persuasão e plataforma política. Marine Le Pen constrói, de acordo com suas ideias, seus valores e os valores do partido, um *éthos*⁴ intolerante, que elabora um discurso de que “não se pode e nem se deve tolerar o intolerável”. Estaríamos diante da intolerância positiva de Bobbio (2004), comumente utilizada retoricamente por candidatos populistas que constroem em seus discursos uma imagem de firmeza, rigor e severidade contra aquele que visa a prejudicar a sociedade e os indivíduos.

Ao apresentar o quadro de um país “que não será mais reconhecido pelos franceses e que se tornará estrangeiro”, Le Pen dialoga, nas entrelinhas, com o discurso francês do “*grand remplacement*”⁵, segundo o qual os imigrantes extra-europeus, em

⁴ Neste artigo, o conceito de *éthos* está baseado nos estudos de Maingueneau (2002), para quem o *éthos* compreende três componentes: o caráter, conjunto de características psíquicas reveladas pelo enunciador; o corpo, ou seja, as características físicas que o enunciador apresenta; o tom, isto é, a dimensão vocal do enunciador mostrada pelo discurso. Na teoria semiótica greimasiana, descrever o *éthos* é possibilitar a identificação dos temas e figuras do discurso, que orientam o modo de presença do sujeito no mundo.

⁵ O termo *grand remplacement* (grande substituição, em tradução livre) foi cunhado pelo escritor militante da extrema-direita Renaud Camus. Trata-se de uma teoria conspiratória, segundo a qual existiria um processo de substituição da população francesa no território francês por uma população não-europeia, originária, inicialmente, da África subsaariana e do Magreb. Tal mudança implicaria, segundo Camus, em

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

particular os magrebinos e as pessoas oriundas da África subsaariana, também conhecida como África negra, substituiriam a população francesa dita “pura”. Ignora-se ou menospreza-se, nesse sentido, que a França, como todas as nações, é um composto étnico, cruzamento entre povos do norte da Europa e do Mediterrâneo, tais como os celtas, gauleses, latinos, germânicos, gregos, anglos, saxões, que, por sua vez, deram origem a outros povos, como os normandos, bretões, provençais, bascos, entre outros. Embora a presidente do FN recuse endossar a expressão, popular no seio da extrema-direita e em seu próprio partido, sob pretexto de que a ideia traz em seu bojo uma visão conspiratória do mundo, no discurso de Le Pen paira a ameaça de uma França subvertida. Em outros discursos proferidos no decorrer de sua campanha presidencial, Le Pen não hesita em se perguntar se “a França continuará a França” no futuro.

Dada a massiva votação obtida no pleito, fato que a encaminhou ao segundo turno das eleições presidenciais francesas, o discurso racista de Le Pen é uma amostra de como o discurso preconceituoso e intolerante pode servir de plataforma política, a partir da qual se busca, em segunda instância, a aprovação e a adesão do destinatário, que atribui poder aos sujeitos políticos e em nome de quem eles falam e agem.

Desenvolve-se paralelamente ao tema da imigração a questão da religião imigracionista, também usada pela extrema-direita francesa como plataforma intolerante e preconceituosa. Segundo a candidata :

La religion immigrationniste est une insulte à la personne humaine, dont l'intégrité est toujours liée à une communauté nationale, une langue, une culture [...] Ces peuples, dont la croyance, les mœurs, les pratiques ne sont pas les nôtres, n'ont pas vocation à être en France. (LE PEN, 2016).

O discurso de Marine Le Pen geralmente não é subentendido quando o ponto de partida é a questão da imigração. De seu ponto de vista e do ponto de vista de seu partido, por extensão, o imigrante na França representa uma ameaça à identidade individual e coletiva francesa. Deixá-lo vir à França seria o mesmo que insultá-los, uma vez que a cultura francesa os impediria de se desenvolver, argumenta a candidata, em

uma mudança de civilização, cujo discurso seria elaborado pela maioria das elites políticas, intelectuais e midiáticas, seja por ideologia, seja por seus próprios interesses.

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

uma visão de sociedade dividida e inerte, sem mobilidade e possibilidade de integração ao imigrante.

Tendo em vista apresentar como verdade um discurso preconceituoso sobre o “diferente”, Le Pen, valendo-se da sua posição de sujeito do poder e do saber, faz uso do termo religião para se colocar do lado da razão, na tentativa de desqualificar o discurso de seus oponentes. Nesse sentido, permeia esse discurso o fundamentalismo religioso, que tem por objetivo amedrontar os franceses, sobretudo no que diz respeito à perda de sua identidade e à presença do outro que incomoda, pois pode causar danos ao país por não cumprir os acordos sociais estabelecidos no quadro cultural francês. Embora já tenha figurativizado em discursos anteriores⁶ a imagem de um “islã radical de joelhos”, caso fosse eleita, Le Pen não cita uma religião ou ideologia declaradamente em sua fala, e procura caminhar no âmbito do implícito. Sem as figuras do “islã” ou do “islamismo”, o discurso político da candidata parece não querer escolher um bode expiatório, aparentemente. No entanto, pode-se notar sua estratégia em tematizar o mundo islâmico inteiro como fundamentalista, fato que, sem nenhum amparo em estudos teórico-práticos, contribui para a produção e o compartilhamento de ideias preconceituosas tradicionais e, em seguida, para a intolerância. Lê-se nas palavras de Le Pen o conceito de bárbaro definido por Francis Wolf (2004), para quem todo aquele que propõe com sua teoria a exclusão do outro não é civilizado. Para Wolf (2004), é civilizado aquele que aceita a existência do outro e o fundamentalista, que prega a eliminação do “diferente”, deve ser tratado como racista.

O discurso político usado como plataforma à discriminação e à intolerância por Le Pen associa a religião imigracionista diretamente ao islã. Denuncia a candidata em sua fala:

Est présent sur notre sol autre chose que des criminels, sont présents des ennemis qui entendent faire régner des lois, des mœurs, une idéologie politico-religieuse, venus de l’extérieur. Le résultat, vous le vivez, nous le vivons tous les jours. (LE PEN, 2016).

No excerto extraído de seu discurso de campanha presidencial, Marine Le Pen claramente se refere, em tom de denúncia, ao djihadistas, que estariam presentes no território francês devido à imigração não-controlada, o que oculta, na verdade, o fato de

⁶ Ver discurso proferido por Marine Le Pen em convenção de seu partido político, FN, em Marselha no dia 08 de setembro de 2015.

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. Cadernos Discursivos, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

que muitos deles são franceses desde o seu nascimento. O fato de não os nomear parece ser uma estratégia discursiva, em que não é preciso decodificar, pois cada francês sabe, em seu íntimo, a mensagem subliminar que o discurso visa a transmitir; seu discurso é compreensível a toda a nação, embora já tenha sido mais transparente em outras oportunidades, como em 2011, na cidade de Tours: “*L’Europe n’est pas un califat, la France n’est pas un califat, elle ne l’a jamais été, elle ne le sera jamais*”. É válido lembrar, nessa questão, a afirmação de seu pai, Jean-Marie Le Pen, ex-presidente do FN, que, de maneira profética, em 1988, afirmava: “*Dans vingt ans, la France sera une république islamique*”.

O fundamentalismo religioso frequentemente presente nos discursos intolerantes da extrema-direita francesa e usado como estratégia de persuasão e plataforma política está diretamente relacionado à exposição da sociedade francesa à modernidade multicultural, nossa última reflexão sobre alguns percursos temáticos e figurativos do discurso presidencial da extrema-direita francesa. Marine Le Pen, como sujeito político representante de seu partido, constrói um *éthos* intolerante que assimila com muita dificuldade e até mesmo repúdio, amparado pelas paixões intolerantes do medo e do ódio, os discursos plurais, multiculturais e receptivos à globalização. Segundo a deputada europeia:

Derrière le multiculturalisme et le communautarisme sur le sol de notre patrie, vient la remise en cause de la liberté, de toutes les libertés, celles notamment conquises par les femmes, à quel prix ! Notre pays vit une période folle qui voit les droits des femmes s’effacer, de plus en plus rapidement, derrière les victoires du fondamentalisme. (LE PEN, 2016).

É digno de nota, contudo, que não são apenas os partidos de extrema-direita europeus que apelam a um sentimento de perda de identidade nacional, se ocupados por minorias, imigrantes e muçulmanos. A união em prol do multiculturalismo sofre de uma desconfiança generalizada na Europa, inclusive em países que, por tradição, são considerados bastante amigáveis em relação aos imigrantes, como a Grã-Bretanha ou a Alemanha. Em recente discurso, David Cameron, ex-primeiro-ministro do Reino Unido, afirmara, em discurso na conferência de segurança de Munique de 2016, “que as décadas de política de multiculturalismo do país incentivaram comunidades segregadas, onde o extremismo islâmico pode prosperar”. “O multiculturalismo falhou, e falhou completamente”, afirmou Angela Merkel, chefe do governo de seu país, a colegas

democratas-cristãos em outubro de 2016, embora ressaltando que os imigrantes eram bem-vindos na Alemanha.

Dessa forma, o discurso político e intolerante de Marine Le Pen define, em regra geral, a sociedade multicultural como uma sociedade multiconflitual, em que a figura do Líbano, anti-modelo da extrema-direita francesa desde os anos 1980, aparece invariavelmente como argumento, como se vê nas palavras de Le Pen (2016): “*Le Liban fut le triste exemple, la guerre civile entre des communautés qui tôt ou tard découvrent qu’elles ne sont pas faites pour vivre sans conflit, pour travailler, voter, se gouverner ensemble*”. Ainda, segundo a deputada europeia, “*Oui au multiculturalisme au niveau de la planète, non au multiculturalisme dans un seul pays*”, em uma clara demonstração em prosseguir mantendo as barreiras entre as civilizações. A candidata francesa parece ir de encontro, neste ponto, às ideias de Bobbio (2004) já discutidas, que pregam a tolerância e a aceitação do alheio como princípio moral e ético absoluto.

Por fim, vale ressaltar que políticos que se servem de discursos preconceituosos e intolerantes como estratégia eleitoral constroem junto aos eleitores uma imagem de candidato intolerante àquilo que seu partido e o próprio eleitor não podem e não devem tolerar. O reconhecimento do destinatário e sua persuasão por argumentos e ideias racistas, estereotipadas e preconceituosas reflete justamente os resultados das eleições, no caso de Marine Le Pen, sua chegada ao segundo turno das eleições presidenciais na França, atingindo a marca de segunda candidata mais votada do país.

Considerações finais

Como reflexões finais deste estudo embrionário sobre discursos preconceituosos e intolerantes na França, poderíamos afirmar que Marine Le Pen, sujeito político representante da extrema-direita francesa, em nome de quem fala, constrói em seu primeiro discurso como candidata à presidência do país um *éthos* beligerante, intolerante, preconceituoso e racista, consoante aos seus próprios valores, aos valores de seu partido e, sobretudo, aos valores de seus eleitores.

Ao elaborar um discurso que tem por objetivo “ não mais tolerar o intolerável”, Le Pen busca manter o *status quo*, desenvolvendo em seu discurso temas que se mostram contrários à política de imigração no país e à religião “imigracionista”,

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

representada em seu discurso, ainda que veladamente, pelo islã. O discurso lepenista caracteriza-se, dessa forma, como restritivo e absoluto, concentrando valores desejáveis à extrema-direita de identidade e “pureza”, e excluindo aqueles considerados indesejáveis. O discurso inflamado da candidata desfavorece, por extensão, os contratos sociais de mistura e de universalidade, típicos de discursos que buscam promover o multiculturalismo, a expansão e a participação cada vez maiores de todas as pessoas na vida social, sem distinção.

Resta-nos observar e torcer para que, em um mundo civilizado, predominem, tanto na política como em outras áreas sociais, contratos sociais que busquem a pluralidade, o multilinguismo e a mestiçagem cultural; discursos tolerantes que ocasionarão certamente uma maior aceitação social. Cabe ainda aos cidadãos buscarem em suas formas de relação o desenvolvimento da tolerância ativa, tanto em suas relações mais próximas quanto em sociedade, e estarem atentos aos discursos intolerantes, preconceituosos, fundamentalistas e racistas, pois, como afirmou Bertolt Brecht, “a cadela do fascismo está sempre no cio”.

Referências

BARROS, D.L.P. *Teoria do discurso: fundamentos semióticos*. São Paulo: Humanitas, 2002.

_____. *Teoria semiótica do texto*. São Paulo: Ática, 2008a.

_____. Preconceito e intolerâncias em gramáticas do português. In: Barros, D.L.P.; Fiorin, J.L. (orgs). *A fabricação do sentido. Estudos em homenagem a Izidoro Blikstein*. São Paulo: Paulistana: Humanitas, 2008b.

_____. O papel histórico, social e político do discurso da gramática. In: Moura Neves (org). *As interfaces da gramática*. Araraquara: FLC-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2008c.

_____. *Preconceito e intolerância: reflexões linguístico-discursivas*. São Paulo: Universidade Presbiteriana Mackenzie, 2011.

BOBBIO, N. *O filósofo e a política*. Antologia. Rio de Janeiro: Contraponto, 2003.

_____. *A era dos direitos*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2004.

_____. *Elogio da serenidade e outros escritos morais*. São Paulo: Editora Unesp, 2011.

FIORIN, J. L. *As astúcias da enunciação*. São Paulo: Ática, 2008.

TOCAIA, Luciano Magnoni. O discurso intolerante e preconceituoso da extrema-direita na França: primeiras reflexões. *Cadernos Discursivos*, Catalão-GO, v. 1 n 1, p.193-209, 2017. (ISSN: 2317-1006 - online).

_____. *Elementos de análise do discurso*. São Paulo: Contexto, 2009.

GREIMAS, A. J. *Semântica estrutural*. São Paulo: Cultrix, 1973.

_____. *Dictionnaire raisonné de la théorie du langage*. Paris: Hachette, 1994.

LANDOWSKI, E. *Presenças do outro: ensaios de sociosemiótica*. São Paulo: Perspectiva, 2012.

MAINGUENEAU, D. *Análise de textos de comunicação*. São Paulo: Cortez, 2002.

VOLTAIRE. *Dicionário filosófico*. [1764]. Trad. Pietro Nasseti. São Paulo: Martin Claret, 1994.

WOLFF, Francis. Quem é bárbaro? In: NOVAES, Aduauto (org.). *Civilização e barbárie*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

Recebido em junho de 2017.

Aceito em agosto de 2017.